

O SAGRADO E O PROFANO

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

UMA EXPERIÊNCIA DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL
NA BAÍA E UMA SUJESTÃO
DE PESQUISA HISTÓRICA LUSO-BRASILEIRA

A minha estadia no Brasil para participar em dois congressos sobre a Inquisição levou-me ao contacto com duas realidades culturais que aqui acho interessante registar em termos de «impressões de viagem» de interesse científico.

Uma delas verificou-se na Baía (ou Bahia, como se escreve no Brasil), onde fui proferir conferências a convite da Universidade Estadual (U. N. E. B.). Tendo como guias a Dr.^a Yara Ataíde Bandeira e o Dr. Renato Ferraz, conheci um interessante projecto de investigação ligado a uma das realidades sociais e mentais mais curiosas dos fins do século XIX — o movimento profetista sebastiãoico do sertão de Canudos, liderado por António Conselheiro, que enfrentou então as tropas governamentais da nascente República, com a sua prática centralizadora, unificadora e planificadora, em termos políticos e administrativos.

No centro da Baía encontramos um monumento dedicado «Aos Heróis de Canudos». Quem são estes «Heróis?» Obviamente os homens do «Brasil oficial», os militares sobretudo, que puseram termo à comunidade de Canudos, após quatro expedições, a última das quais composta por alguns milhares de soldados, comandados por um general. A história militar de Canudos já conheceu, de resto, as suas obras, como é o caso do livro do Tenente Macedo Soares, *Guerra de Canudos*. Mas, em que consistiu propriamente a comunidade de Canudos? Este é fundamentalmente o problema que se coloca ao historiador. No entanto, ele interessou outros intelectuais desde a época em que se desencadeou o conflito. Assim sucedeu com Euclides da Cunha que, em 1902, escrevia *Os Sertões*, obra de sociologia do sertão, considerada hoje uma das obras primas da literatura brasileira, ou, presentemente, com o escritor peruano Mario Vargas Llosa que, ajudado por sertanejos e antropólogos (entre eles Renato Ferraz), criou, tendo como base uma tentativa de reconstrução histórica da realidade de Canudos, um dos romances mais interessantes da actualidade — *La guerra del fin del mundo*, publicada em 1980 e que recebeu em 1985 o Prémio Ernest Hemingway.

Mas o problema histórico-sociológico de conhecer, em toda a profundidade e extensão, a comunidade de Canudos, nas suas perspectivas sociais, económicas, políticas, religiosas, mentais, permanece, ainda que historiadores e sociólogos, como Maria Isaura Pereira de Queiroz (*Réforme et révolution dans les sociétés traditionnelles*, Paris, Antropos, 1968) já lhe tenham dedicado alguma atenção. Daí que a UNEB, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha, tenha criado o «projecto Canudos», que tem como um dos objectivos reunir toda a documentação referente ao assunto, existente nos arquivos públicos e particulares, do Exército ou da Igreja, assim como as tradições orais e vestígios arqueológicos. Mas, o «projecto Canudos» é mais do que uma simples prospecção em termos meramente históricos. Com uma dinâmica interdisciplinar, procura também levar a efeito uma investigação e uma acção de desenvolvimento local e regional no plano sociológico, educacional, agrícola, médico, etc. A UNEB, que constitui uma Universidade de sentido «politécnico», encontrou assim um pólo para realizar a sua vocação prática e pareceu-

Actividade Científica

-me, até pelo entusiasmo que encontrei nos seus docentes, investigadores e técnicos, que pode vir a concretizar um plano de investigação em termos regionais verdadeiramente exemplar.

Para nós, portugueses, este projecto é também particularmente aliciante. É que a questão Canudos, embora se desenvolva já durante o Brasil independente, tem subjacente uma ideia profética que nos diz respeito — o sebastianismo. Claro que é um sebastianismo próprio, ligado a uma concepção de comunitarismo primitivo, que responde às carências e à violência da sociedade sertaneja, um sebastianismo que combate (como se dizia em Canudos) o «protestantismo», o laicismo e a maçonaria da sociedade republicana em construção. Mas que relação tem este sebastianismo — que esperava também a vinda redentora de um D. Sebastião, que passaria a fio de espada os homens de Satanás e que criaria um reino de abundância — com o sebastianismo português, que se desenvolve desde o século XVI e que teve em Vieira, português e brasileiro (com uma importante experiência baiana), a sua principal expressão erudita e «sintética»? Até que ponto este sebastianismo emerge em última instância das correntes milenaristas, que, segundo parece, tiveram um papel fundamental na formação destes movimentos profetistas? Só uma investigação de especialistas poderia responder a estas e outras questões. Para isso, o Professor José Veiga Torres, a quem pertence o estudo mais completo sobre o sebastianismo português — a sua dissertação de doutoramento apresentada à Sorbonne, *Fonction et signification sociologique du messianisme sebastianiste dans la société portugaise*, infelizmente médita entre nós e só conhecida através de algumas sínteses publicadas nas nossas revistas (veja-se, por exemplo, «O tempo colectivo progressivo e a contestação sebastianista», in *Revista de História das Ideias*, n.º 6, Coimbra, 1984, pp. 223-258) — poderá dar um contributo significativo.

O estreitamento real e profundo das relações culturais entre Portugal e o Brasil é uma das tarefas prioritárias a realizar, como já o disse em 1984 relativamente a um projectado plano de estudo da história da Universidade portuguesa, que agora — a dois passos do seu 7.º Centenário — tem ainda mais oportunidade (cfr. *Revista de História das Ideias*, n.º 6, Coimbra, 1984, pp. 453-460). Importa reavivar convénios, quase desconhecidos e apenas existentes no papel, realizados entre universidades de ambos os países, e criar projectos de investigação bem definidos, viáveis e necessários, que ponham em contacto investigadores portugueses e brasileiros e é urgente estabelecer um correcto intercâmbio de docentes ou, quanto mais não seja, das suas obras, pois é realmente desanimador percorrer a secção de História de uma livraria brasileira, especializada no livro português, passando-se algo de idêntico com as livrarias portuguesas em relação às obras historiográficas do país irmão. São problemas deste tipo que nos devem preocupar e não questões como a afirmação do Ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, proferida algures no Brasil, relativamente à prioridade do seu descobrimento, tão ridiculamente discutida entre nós, conforme oportunamente já o disse — com a autoridade e o bom senso que lhe são reconhecidos — o Professor José Mattoso, no que foi secundado pelo Professor Romero Magalhães (*Expresso*, 22 e 29 de Agosto de 1987, respectivamente, pp. 8 e 11). A História aprende-se verdadeiramente através de um esforço de investigação e de comunicação e importa que os organismos culturais interessados no relacionamento entre Portugal e o Brasil não privilegiem a literatura em prejuízo da ciência histórica. Se é importante o conhecimento, já

felizmente tão divulgado, de Camões, de Pessoa ou de Saramago, de Erico Veríssimo, ou de Jorge Amado, ou de Eça, e o conhecimento do português, lamentavelmente secundarizado em zonas que colonizámos ou por nós administradas, tal como sucede em Macau não se poderá pensar que a poesia ou a prosa constituem uma espécie de «totalidade» das culturas nacionais.

A minha visita a Porto Alegre, onde fui realizar algumas conferências na Pontifícia Universidade Católica e onde fui guiado no conhecimento da realidade cultural e social da região pelos Professores Brás Brancato e Macharty Moreira, sugeriu-me a realização de um projecto de História Social que me limito aqui a propor. Porto Alegre é uma cidade de colonização açoreana, aliás bem marcada por alguns lugares típicos, como o que resta da Ponte dos Casais (onde terão chegado os primeiros casais de colonos vindos dos Açores) ou pelo nome de algumas ruas, evocativas de descendentes de colonos dessa região ou de nomes bem ligados ao arquipélago (Medeiros, por exemplo). Julgo, pois, que o grupo de História da Universidade dos Açores poderia levar a efeito um projecto conjunto de investigação deste fenómeno de emigração, que, de resto, parece estar a ser estudado para o período de 1836 a 1842 por Manuel Pinto dos Santos. Como se operaram os fenómenos migratórios e quais os seus ciclos, de que famílias, de que ilhas e de que grupos sociais eram os emigrantes, que costumes açoreanos permaneceram ou não entre os habitantes da região do Rio Grande do Sul ou até que influência cultural e linguística exerceram ali? Estes, e outros muitos problemas, poderiam ser objecto de trabalhos de colaboração e poderiam mesmo gerar algumas dissertações de doutoramento.

São simples «notas de viagem» que aqui deixo — informações e sugestões que poderão abrir caminho para o necessário esforço conjunto da análise histórica de Portugal e do Brasil, que em muitos pontos se interceptam e em outros se tocam.

Luis Reis Torgal

SEPTIEME CONGRES INTERNATIONAL DES LUMIERES

O *VIII^e Congrès International des Lumières* que se realizou em Budapeste, entre 26 de Julho e 2 de Agosto de 1987, foi organizado pela Sociedade Internacional de Estudos do Século XVIII (S.I.E.D.S.), pelo Instituto de Ciências Históricas da Academia das Ciências da Hungria e ainda teve a cooperação da Universidade Eötvös Loránd em cujas Faculdades de Direito e de Letras decorreram todas as sessões e mesas-redondas do Congresso.

Não é demais realçar a excelente organização que presidiu à concretização dos objectivos deste encontro científico e que permitiu aos seus participantes (em número muito superior a mil) o debate, a crítica e também a re-avaliação do discurso das Luzes em perfeita atitude interdisciplinar.

Aliás, logo na sessão plenária de abertura (na Sala Pátria do Palácio dos Congressos) nos foi dado entender estar perante uma